VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS COM STENCIL E SÍMBOLOS ADINKRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Júlia Yumi Shiya UEDA

Universidade Federal de São Carlos

Educação para as Relações Étnico-Raciais

CAPES

juliashiya@estudante.ufscar.br

Palavras-chave: Educação Infantil. Educação das Relações Étnico-Raciais. Arte

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma atividade desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com 18 crianças da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de São Carlos (CAU/UFSCar), realizada durante o primeiro semestre de 2025, articulando arte, cultura africana e Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) por meio da utilização de símbolos Adinkra e da técnica do stencil. O objetivo foi promover experiências de valorização da diversidade cultural e ampliar o repertório das crianças acerca de referências africanas presentes na construção da sociedade brasileira. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na observação participante e em registros de diário de campo. Inicialmente, as crianças foram convidadas a observar e interpretar diferentes símbolos Adinkra, compartilhando suas percepções antes da apresentação de seus significados culturais. Em seguida, realizaram produções artísticas utilizando stencil e tinta guache. Os resultados evidenciaram o protagonismo infantil na construção de

significados, a mobilização de conhecimentos prévios durante a leitura das imagens e o interesse das crianças por referências culturais africanas. Conclui-se que a articulação entre arte e ERER constitui uma estratégia potente para promover práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil, favorecendo experiências de aprendizagem significativas e a valorização da diversidade cultural.

.

1. Introdução

A Educação Infantil constitui um espaço fundamental para a formação integral das crianças, sendo nesse contexto que se iniciam processos de construção de identidade, reconhecimento da diversidade e desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e expressivas. Nesse sentido, torna-se essencial a inserção de práticas pedagógicas que valorizem diferentes culturas e promovam o respeito às múltiplas formas de existência, especialmente no que se refere à valorização da cultura africana e afro-brasileira no ambiente escolar.

A partir da Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, reforça-se a necessidade de implementação de propostas educativas que dialoguem com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), contribuindo para a construção de uma educação antirracista desde os primeiros anos de escolarização. Nesse contexto, o trabalho com símbolos Adinkra, originários do povo Ashanti, apresenta-se como uma possibilidade potente de abordagem, uma vez que esses símbolos carregam significados relacionados à ancestralidade, valores, filosofia de vida e ensinamentos transmitidos entre gerações.

Além disso, a utilização da arte como recurso pedagógico, especialmente por meio de técnicas como o stencil, possibilita às crianças experiências sensoriais, criativas e expressivas, respeitando seus diferentes ritmos e formas de participação. A arte, nesse sentido, favorece não apenas o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, mas também a construção de sentidos e a aproximação com diferentes referências culturais.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica desenvolvida com crianças da Educação Infantil, utilizando o stencil e símbolos Adinkra como estratégia para promover a valorização da cultura africana, o diálogo

com o cotidiano das crianças e a construção de práticas educativas mais inclusivas e significativas.

2. Fundamentação Teórica

A Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) constitui um compromisso político e pedagógico com a valorização da diversidade cultural e com o enfrentamento das desigualdades raciais historicamente presentes na sociedade brasileira. A promulgação da Lei nº 10.639/2003 representou um marco nesse processo ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em todos os níveis da educação básica, ampliando as possibilidades de construção de práticas pedagógicas comprometidas com uma educação antirracista.

Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004) ressaltam a importância de promover experiências educativas que possibilitem o reconhecimento das contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros para a formação da sociedade brasileira. Para Gomes (2017), a educação das relações étnico-raciais não deve restringir-se a momentos pontuais ou datas comemorativas, mas integrar o cotidiano escolar por meio de práticas que valorizem diferentes identidades, saberes e culturas.

Na Educação Infantil, essas experiências tornam-se ainda mais significativas, uma vez que as crianças iniciam seus processos de construção identitária e de compreensão do mundo social. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância das interações, das brincadeiras, da escuta e do protagonismo infantil como elementos centrais do processo educativo, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos na produção de conhecimentos e significados.

A arte apresenta-se como uma importante linguagem para a promoção dessas experiências. Segundo Barbosa (2010), o ensino da arte deve articular apreciação, contextualização e produção artística, possibilitando que os sujeitos construam interpretações próprias a partir de suas vivências e repertórios culturais. Dessa forma, a leitura de imagens não se limita ao reconhecimento de formas, mas envolve a produção de sentidos e a construção de relações com o contexto sociocultural dos participantes.

Nesse sentido, o trabalho com símbolos Adinkra mostra-se potente para a Educação Infantil por possibilitar o contato das crianças com elementos da cultura africana de maneira acessível e significativa. Originários do povo Akan, os símbolos Adinkra expressam valores, ensinamentos, filosofias de vida e conhecimentos transmitidos entre gerações, favorecendo o diálogo com temas como ancestralidade, cuidado, criatividade e coletividade. Ao serem articulados com experiências artísticas, esses símbolos contribuem para ampliar o repertório cultural das crianças e fortalecer práticas pedagógicas alinhadas à Educação das Relações Étnico-Raciais.

Ao considerar as crianças como sujeitos capazes de interpretar e atribuir significados às imagens, a arte torna-se um espaço privilegiado para a expressão, a imaginação e a criatividade. Dessa forma, o contato com os símbolos Adinkra possibilita não apenas a experimentação artística, mas também a aproximação com referências culturais africanas por meio de processos de observação, interpretação e produção de sentidos.

3. Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido no primeiro semestre de 2025, no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma turma de Educação Infantil do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de São Carlos (CAU/UFSCar), composta por 18 crianças de 4 e 5 anos de idade. Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência constitui uma modalidade de produção de conhecimento que possibilita a sistematização crítica de práticas vivenciadas em contextos educativos, valorizando os significados produzidos pelos participantes durante o processo.

A experiência teve como objetivo promover reflexões acerca da cultura africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais por meio da apreciação e produção artística utilizando símbolos Adinkra e a técnica do stencil. Para isso, foram utilizados moldes confeccionados previamente e tintas guache atóxicas de diferentes cores.

Inicialmente, foram apresentados às crianças três símbolos Adinkra: Duafe, associado ao cuidado e à beleza; Sankofa, relacionado à valorização dos conhecimentos e aprendizagens do passado; e Ananse Ntontan, vinculado à criatividade, à sabedoria e à complexidade da vida. Antes da explicação de seus significados, as crianças foram convidadas a observar as imagens e compartilhar livremente suas interpretações, estabelecendo relações com elementos presentes em seu cotidiano.

Durante esse momento, buscou-se valorizar os conhecimentos prévios das crianças, permitindo que expressassem hipóteses, memórias e experiências relacionadas às imagens observadas. Após a socialização das interpretações, os significados dos símbolos foram apresentados e discutidos de forma acessível à faixa etária, estabelecendo conexões com situações vivenciadas pelas próprias crianças. No caso do Sankofa, por exemplo, o conceito de ancestralidade foi abordado por meio de questionamentos sobre quem ensinava determinadas brincadeiras, hábitos e conhecimentos cotidianos, favorecendo reflexões sobre a importância das aprendizagens construídas junto às famílias.

Em seguida, foi realizada uma atividade artística utilizando a técnica do stencil. As crianças tiveram liberdade para escolher os símbolos que desejavam utilizar, bem como as cores e combinações presentes em suas produções, favorecendo a autonomia, a criatividade e a expressão individual.

Os registros da experiência foram produzidos por meio da observação participante e de anotações em diário de campo realizadas ao longo da atividade. Foram considerados aspectos como as interpretações atribuídas pelas crianças aos símbolos apresentados, as relações estabelecidas com suas vivências cotidianas, as escolhas realizadas durante a produção artística e as interações desenvolvidas entre os participantes.

A análise ocorreu de forma qualitativa, buscando compreender os significados produzidos pelas crianças durante a experiência. Dessa maneira, o foco da avaliação não esteve centrado na memorização de informações, mas na participação, na construção de sentidos, na expressão de ideias e na ampliação do repertório cultural proporcionada pela vivência.

4. Resultados e Discussão

Os resultados evidenciaram que a proposta favoreceu a participação ativa das crianças e a construção de significados a partir de seus próprios repertórios culturais. Antes mesmo da apresentação dos significados dos símbolos Adinkra, as crianças realizaram diferentes leituras das imagens, atribuindo sentidos com base em suas experiências cotidianas.

O símbolo Duafe, por exemplo, foi associado por algumas crianças a um pente e, por outras, a uma escada. Já o Ananse Ntontan foi relacionado a uma flor e a uma teia de aranha. Essas interpretações demonstram que a leitura das imagens ocorreu a partir dos conhecimentos prévios das crianças, corroborando as contribuições de Barbosa (2010), que compreende a apreciação artística como um processo de construção de sentidos fundamentado nas experiências dos sujeitos.

Outro aspecto significativo ocorreu quando algumas crianças associaram o símbolo Ananse Ntontan ao personagem Homem-Aranha. Essa relação evidencia a capacidade infantil de estabelecer conexões entre novos conhecimentos e referências já presentes em seu universo simbólico, favorecendo aprendizagens significativas por meio da articulação entre diferentes experiências culturais.

Durante a apresentação do símbolo Sankofa, as crianças foram convidadas a refletir sobre quem lhes ensinava determinadas brincadeiras e hábitos do cotidiano. Muitas mencionaram pais, avós e outros familiares, compartilhando experiências relacionadas às suas histórias de vida. Esse movimento dialoga com as reflexões de Gomes (2017), ao evidenciar a importância dos saberes familiares e culturais na formação das identidades infantis e na construção de conhecimentos.

Na etapa de produção artística, observou-se elevado envolvimento das crianças com a proposta. A liberdade para escolher símbolos, cores e formas de utilização dos materiais favoreceu a autonomia, a criatividade e o protagonismo infantil. Tal aspecto encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que reconhece as crianças como sujeitos ativos nos processos de criação, exploração e expressão.

Outro resultado relevante refere-se à permanência das aprendizagens ao longo do tempo. Em atividades posteriores desenvolvidas com a mesma temática, realizadas semanas após a vivência inicial, grande parte das crianças ainda se recordava dos significados trabalhados e das relações construídas durante a atividade. Esse dado sugere que a experiência promoveu aprendizagens significativas, ultrapassando a simples memorização de informações e favorecendo a construção de sentidos relacionados à cultura africana e à ancestralidade.

Do ponto de vista da Educação das Relações Étnico-Raciais, a atividade possibilitou a inserção de referências africanas no cotidiano da Educação Infantil de forma contextualizada, lúdica e significativa. Conforme defende Gomes (2017), práticas dessa natureza contribuem para a valorização da diversidade cultural e para a

construção de uma educação comprometida com princípios antirracistas desde os primeiros anos de escolarização.

5. Considerações Finais

A experiência desenvolvida com os símbolos Adinkra e a técnica do stencil evidenciou o potencial da arte como instrumento de valorização da diversidade cultural e de promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil. A atividade possibilitou que as crianças estabelecessem relações entre os símbolos apresentados e suas próprias vivências, construindo significados a partir de seus repertórios culturais e de suas experiências cotidianas.

Os resultados demonstraram que a inserção de referências africanas no cotidiano escolar pode ocorrer de forma significativa, respeitando as especificidades da infância e valorizando o protagonismo das crianças nos processos de aprendizagem. Além de favorecer a criatividade, a expressão e a interação social, a proposta contribuiu para a ampliação do repertório cultural do grupo e para o fortalecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade.

A experiência também evidenciou a importância da escuta sensível das crianças e da valorização de seus conhecimentos prévios, aspectos fundamentais para a construção de práticas educativas mais inclusivas e significativas. Nesse contexto, destaca-se a relevância do PIBID como espaço de formação docente, possibilitando a vivência, a reflexão e a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a promoção da equidade e da justiça social.

Por fim, reafirma-se a necessidade de que a Educação das Relações Étnico-Raciais esteja presente de forma contínua no cotidiano das instituições de Educação Infantil, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade cultural que constitui a sociedade brasileira.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUSSI, Ricardo; FLORES, Fábio; ALMEIDA, Leandro. Relato de experiência como produção de conhecimento na educação. Revista Educação em Questão, Natal, v. 59, n. 61, p. 1-20, 2021.